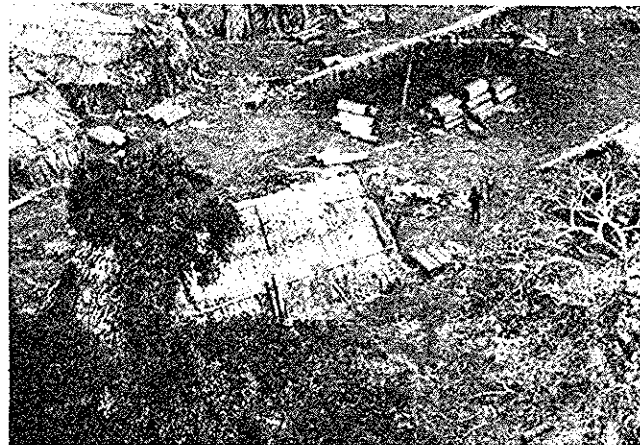


ÍNDIOS

Umã revelação do trabalhador Aureliano Bispo de Oliveira ferido por três flechas dos gigantes kranhacacores; salvou-se do ataque porque atirou contra índios e conseguiu derrubar um deles. Revelações do sertanista Antônio Cotrim Neto: os índios estão sendo contaminados por doenças dos brancos. E morrendo.



Antônio Cotrim: a desilusão com a FUNAI.



Os índios-gigantes: uma pacificação difícil?



Aureliano Bispo: no peito, uma flecha dos kranhacacores.

MAIS DENUNCIAS DE COTRIM

Nosso repórter João Vítor Strauss foi a Brasília entrevistar o sertanista Antônio Cotrim Neto. Aqui na primeira de uma série de duas reportagens, conta as novas denúncias que Cotrim faz à FUNAI.

Desde que se afastou da FUNAI e o trabalho de pacificação dos índios brasileiros o sertanista Antônio Cotrim Neto tem denunciado cada vez mais irregularidades praticadas pela entidade. Entre outras acusações: a FUNAI criou e a Polícia Militar de Minas Gerais dirige a prisão de Crenaque, para índios considerados irrecuperáveis, perto de Governador Valadares. Para Cotrim, "é um verdadeiro campo de concentração".

As denúncias que Antônio Cotrim Neto está fazendo são estas:

2. Índios nambiquara — No ano passado, a FUNAI, depois de liberar a região do vale do rio Guaporé, onde os nambiquaras moravam, para a implantação de projetos agropecuários da SUDAM, transferiu-os para uma reserva a cem quilômetros de distância, na estrada Acre-Brasília.

Eram 600 índios. Eles não se adaptaram na região, altamente insalubre, e voltaram por conta própria às terras onde estavam antes. Na viagem, morreram uns 200 índios. Na faixa dos 15 anos para baixo sobraram poucos. Agora estão sendo novamente transferidos para a reserva. Quem faz o trabalho é o sertanista Paul Fritz Torsdoff, da Delegacia da FUNAI em Cuiabá.

2. Índios tembé — São índios do grupo Tupi, que habitam a região do rio Gurupi, perto do antigo posto Pedro Dantas. Há muitos anos o governo do Pará lhes deu o título de posse das terras. Apesar disso, a FUNAI passou ao King Ranch, empreendimento pecuário, certidão negativa da existência de índios ali. Esse documento é necessário para a implantação de empreendimentos na região amazônica. Depois de obtê-lo da FUNAI, o segundo passo do King Ranch foi tentar junto ao governo do Pará a anulação do antigo ato que concedeu título de posse aos índios. Até agora o governo estadual tem resistido.

3. Índios paracanãs — São índios que habitam na área de influência da Transamazônica. As frentes da FUNAI entraram em contato com eles há mais de um ano. Desde então, os índios sofreram vários ataques de gripe. Mais de 40 já morreram. A promiscuidade entre brancos, funcionários da FUNAI, e as mulheres índias chegou a extremos: oito delas contrairam blenorragia. A FUNAI recebeu denúncias, chegou a fazer um inquérito, mas só ouviu os acusados. Concluiu que as denúncias não tinham fundamento. O técnico indianista Walter Sanches, que apoiou a denúncia, foi suspenso quatro dias e transferido para o Parque Nacional do Xingu.

4. Índios gaviões — Um grupo pacificado em 1961, o dos Gaviões da Montanha, depois do contato com os brancos, contrairam muitas doenças. Eram 130. Hoje são 18 apenas. Outro grupo gavião, localizado por Cotrim na divisa do Pará com o Ma-

ranhão, foi transferido precipitada e desorganizadamente para outra área. Em consequência, morreram 20 dos 58 componentes do grupo.

5. Índios Kararaós — Eram índios arredios, do rio Jutai, no baixo Xingu, que estavam entrando em atrito com os brancos que cada vez mais se expandiam na região. Depois de pacificados, os índios, em contatos com os brancos, foram atacados por ondas sucessivas de sarampo. Dos 82 existentes em 1965, sobreviveram apenas três.

Prisão e tortura — No interior de Minas Gerais, perto de Governador Valadares, a FUNAI mantém uma prisão especial para índios, chamada Crenaque. Para lá são levados os chamados "índios marginais".

São os índios problemáticos, que se desintegraram psicologicamente no processo de integração com o branco, transformando-se em "maus elementos".

Alguns são alcoólatras. Outros, promovem brigas ou andam armados. Ou simplesmente negam-se a entrar no esquema de vida imposto pela FUNAI. Alguns mataram brancos, ou mesmo companheiros índios. Em todos esses casos são mandados para a Crenaque: "um campo de concentração", diz Cotrim.

A Crenaque, teoricamente, é um lugar de recuperação do índio. Na prática, isso não acontece. Em vez de pessoal especializado, a prisão é dirigida por seis homens da Polícia Militar de Minas Gerais. Os índios são colocados em regime de trabalho de oito horas diárias, em áreas cercadas.

Ha prisão celular em Governador Valadares. Os presos — índios — mais rebeldes são colocados em celas, completamente isolados. Alguns são até torturados. Cotrim, entre muitos exemplos, cita um: o do índio Oscar Guarani, de Mato Grosso. Foi para lá pesando 90 quilos. Saiu três anos depois, pesando 60 e mostrando sinais de sevizias.

O motivo de sua prisão segundo Cotrim, foi este: um dia, apareceu em Brasília, no prédio do Ministério do Interior, onde funciona a chefia da FUNAI, para falar com o presidente e apresentar reivindicações.

Num dos corredores foi interpelado por um general do Ministério. Explicou-lhe que ia falar com o presidente da FUNAI. O general respondeu que "não ia coisa nenhuma". Aliás, já dera ordens expressas: não queria saber de índios nos corredores do Ministério. "Petulante", — diz Cotrim — Oscar Guarani, com a força dos seus 90 quilos, pegou o general pelo colarinho e retrucou: "Vou falar com o presidente, sim senhor".

"O general, apavorado, soltou-se e bateu em retirada. Pouco depois, Oscar Guarani era retirado do prédio, pela polícia, e levado numa Rádio Patrulha. Destino: Crenaque."

Aureliano corre, mesmo ferido, e dispara contra os kranhacacores. (Esta história é mesmo verdadeira?)

Claudio Villasboas suspeita da história contada pelo trabalhador ferido: acha provável que ele tenha atirado primeiro, amedrontado com a chegada dos índios. De Luís Salgado Ribeiro e Reginaldo Manente (radiofotos), enviados especiais.

Quem começou o ataque de quinta-feira às margens do rio Peixoto de Azevedo, em plena selva amazônica: os índios kranhacacores, com suas flechas, ou o trabalhador do 9º Batalhão de Engenharia e Construção Aureliano Bispo de Oliveira, com seu rifle calibre 22. O indianista Orlando Villasboas desconfia que os tiros foram disparados antes das flechadas. Mas mesmo assim não condena Aureliano: acha que qualquer pessoa amedrontada reagiria da mesma maneira.

Numa sala de operação improvisada na Base de Cachimbo, Aureliano Bispo de Oliveira, um preto de 37 anos, de 1,76 m de altura, resaca aliviado: médicos acabam de extrair a ponta de uma flecha que estava encravada em seu peito. Alheio às discussões sobre o início do ataque, o trabalhador lembra o seu encontro com os kranhacacores:

— Depois de me acertarem três flechadas, eles ainda correram atrás de mim, por mais uns cem metros. Só pararam a perseguição quando consegui me controlar e atirar a última bala, acertando um deles. O índio caiu, os outros foram socorrê-lo, e eu continuei correndo. Só parei quando encontrei meus companheiros, 200 metros adiante.

O ataque, na versão do trabalhador:

— Nós (Bispo e mais três companheiros), estávamos fazendo o trabalho de nivelamento topográfico distante mais ou menos uns seis quilômetros do acampamento. Eu me adiantei uns 20 metros dos outros. Foi aí, numa curva da picada, que um grupo de cerca de 15 índios saiu de trás de algumas bananeiras: pularam na minha frente e começaram a disparar flechas.

Algumas das flechas, Bispo conseguiu desviar, usando a coroa do seu rifle. Mas três delas o acertaram: duas na coxa direita, praticamente no mesmo lugar, e uma no peito. Antes de arrancar as flechas o trabalhador deu o primeiro tiro:

— Com o apavoramento, eu nem fiz mira: por isso não acertei. Depois do primeiro, tropecei num cipó, levantei e dei mais dois tiros, também sem acertá-los. Comecei a correr, eles atrás de mim. Só tinha mais uma bala: mirei e disparei. Vi um deles cair e continuei correndo em direção aos meus companheiros.

Quando chegou 200 metros à frente, encontrou seus colegas apavorados: eles, sem armas, tinham corrido depois da primeira rajada de flechas. Perdendo sangue e sentindo muitas dores, foi socorrido pelos três companheiros, que o levaram, nas costas, até o acampamento:

— Nós levamos quase duas horas para chegar ao acampamento, porque os homens não me aguentavam nas costas. Tinham que se revezar a toda hora. Eles tentaram me levar segurando pelas pernas, mas estava doendo demais. Então me puseram nas costas.

No acampamento, o trabalhador recebeu os primeiros socorros (principalmente injeções de antibiótico para evitar infecções). Medicado, contou para os companheiros:

— Na correria, não pude olhar atentamente para eles. Mas posso garantir que eles eram mais altos e mais encorpados do que eu.

A chegada de Aureliano Bispo ao acampamento criou um clima de tensão que só agora está diminuindo com a chegada de reforços. Os trabalhadores do BEC temiam, pelo menos na noite do incidente e no dia seguinte, um ataque maciço dos kranhacacores. A tensão só diminuiu quando Claudio Villasboas reuniu todos e explicou que o acampamento não corria risco: "Os índios sabem que aqui tem mais de 50 homens concentrados e jamais teriam coragem de enfrentar um grupo tão grande".

— Eles devem estar espalhados pelas matas, apavorados com os tiros. A única solução é mesmo o plano que traçamos inicialmente: montar um posto de atração perto da aldeia grande para conquistar seus habitantes, também kranhacacores. Depois, através deles, poderíamos chegar aos índios da aldeia pequena sem maiores problemas. Será o primeiro passo para pacificá-los.

— Ao contrário dos trabalhadores, os 30 índios civilizados que ajudam o BEC na construção da estrada Santarém-Cuiabá estavam tranquilos. Segundo Orlando Villasboas, gente flechada para eles não é novidade:

DEZ ANOS ENTRE OS ÍNDIOS

Cotrim vivia angustiado em Maceió, sua cidade. Resolveu viajar e, em 1962, acabou numa expedição à tribo dos mecranotis. Nos últimos dez anos, ele viveu quase o tempo todo em aldeias de índios.

Se lhe perguntarem porque resolveu dedicar sua vida aos índios, Antônio Cotrim Neto responde que, até hoje, nem mesmo ele sabe ao certo. Simplesmente aconteceu, aos poucos, por acaso.

Em 1961, ele era apenas um jovem de 21 anos, com o curso clássico concluído, os irmãos cursando ou já formados em escolas superiores profundamente insatisfeito consigo mesmo e com a tranquila perspectiva de sua vida de moço de classe média.

No fim de 1961, resolveu deixar sua casa, abandonar tudo. Maceió não tinha nada para prendê-lo. Chegou a Belém já no segundo semestre de 62. Emprego, em Belém, estava difícil. Funcionário de escritório ele não queria ser, para não perder a liberdade, não ficar trancado numa sala. Já estava disposto a aceitar uma proposta de trabalho para ser capataz numa madeireira do Amapa, quando viu num jornal a notícia de que uma expedição se preparava para ir ao encontro dos índios mecranotis. Desistiu do emprego e foi-se oferecer como voluntário. E seguiu com a expedição para o rio Bau, afluente do Xingu, onde ficava a tribo.

Cotrim ficou lá quase seis meses. Como era voluntário, não tinha tarefas específicas na expedição. Ficava mais ou menos à vontade. Ajudava os índios na roca, colhendo milho, batata e

mandioca. Caçava e pescava com eles. Aprendia seu artesanato, fazendo arcos e flechas.

Seu amor pelos índios começou aí. Tudo que o desagradava e angustiava na sociedade urbana de Maceió — e nas outras que conheceu — não existia na primitiva sociedade dos mecranotis. Nela, Cotrim se encontrou.

— Passei a compreender e sentir o índio. Perdi aquela visão jesuítica que temos dele na cidade. Isto e aquela forma de encarar o índio como um ser inferior, cheio de perversões e, portanto, extremamente necessitado de salvação.

Cotrim não parava muito tempo em nenhum lugar. Conheceu várias tribos do rio Negro. Entre elas, as dos baniwa, tuanos e uaiikás. No fim de 1963, Cotrim já estava cativado pelos índios e seu modo de vida.

Em Belém, no começo de 1965, procurou o Serviço de Proteção ao Índio. Desejava seguir como voluntário numa expedição organizada por Francisco Meireles para fazer contato com os índios kararaós. Foi aceito. Nasceu um novo sertanista.

Desiludido com a FUNAI, ele resolveu abandonar tudo. Ao fazer suas denúncias, acredita estar falando em nome dos índios. Imagina estar dizendo exatamente o que eles diriam, se pudessem. A perda do emprego, com seus 1.300 cruzeiros mensais de salário, não o preocupam.



Depois da flechada, a operação improvisada.



Os primeiros contatos: aldeia assustada.



Os índios gigantes



O sertanista Cotrim

OS ÍNDIOS GIGANTES DÃO SINAL DE PAZ

JT 29-5-72

O que significa o feixe de flechas amarradas deixado perto do acampamento da FUNAI que busca contato com os Kranhacacores? O sertanista Cláudio Vilasboas diz que o feixe é um sinal de que os índios querem paz. O feixe foi colocado por eles, exatamente no lugar em que o trabalhador Aureliano Bispo foi ferido a flechadas há três dias. Cláudio Vilasboas continua dizendo que, na sua opinião, os índios apenas responderam a um ataque do trabalhador. Outro sertanista, Antonio Cotrim Neto, faz novas denúncias contra a FUNAI. Uma delas: a prisão de Crenaque, perto de Governador Valadares, foi transformada num campo de concentração para índios. Nas páginas 15 e 46.